

A participação dos(as) idosos(as) na construção de sua identidade cultural¹

Paola Dias de ÁVILA²
Camila Lourenci JARDIM³
Kauane Andressa MÜLLER⁴
Vanessa Vieira Trindade de OLIVEIRA⁵
Vitor Rodrigues de ALMEIDA⁶
Flavi Ferreira LISBÔA FILHO⁷
Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS

RESUMO

A fotografia feita no Abrigo Espírita Oscar José Pithan traz, além de uma reflexão, um agrupamento de ideias, anseios, histórias e visões de mundo de pessoas da terceira idade moradoras do Abrigo que, por não participarem mais da população economicamente ativa, ou até por possuírem alguma dificuldade e além de necessitarem grandes cuidados, são deixadas em ambientes compartilhados que se resumem a cuidar da sua saúde até o fim da sua vida. O Abrigo abrange diferentes histórias e essa fotografia tenta representar, a partir de preto e branco, um pedaço da história de uma moradora, por entendermos que cada uma das pessoas que ali residem constroem as diferentes faces da terceira idade. O trabalho trata também do abandono da identidade carregada de vivências e histórias marcadas em suas expressões faciais e corporais. Uma reflexão sobre existir e esquecer.

PALAVRAS-CHAVE: Identidade; cidadania; idosos; fotografia.

¹ Trabalho apresentado no PT04 – Foto Avulsa do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul realizado de 26 a 28 de maio de 2016.

² Estudante de Graduação 5º. semestre do Curso de Jornalismo da UFSM, email: paoladidasdeavila@gmail.com

³ Estudante de Graduação 5º. semestre do Curso de Jornalismo da UFSM, email: lourencijardim@gmail.com

⁴ Estudante de Graduação 5º. semestre do Curso de Jornalismo da UFSM, email: kauaneamuller@gmail.com

⁵ Estudante de Graduação 5º. semestre do Curso de Jornalismo da UFSM, email: vvtovanessa@gmail.com

⁶ Estudante de Graduação 5º. semestre do Curso de Jornalismo da UFSM, email: rodriguezvitor1@gmail.com

⁷ Orientador do trabalho. Doutor em Ciências da Comunicação pela UNISINOS e professor e do Departamento de Ciências da Comunicação e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)., email: flavilisboa@gmail.com

Introdução

A fotografia produzida no Abrigo Espírita Oscar José Pithan foi feita considerando um contexto sociocultural que define, a partir de Milton Santos (2007, p.20) que “a cidadania, sem dúvida, se aprende. É assim que ela se torna um estado de espírito, enraizado na cultura”. Além disso, reconhecida como estado de espírito, insere o indivíduo a partir da sua participação na movimentação do capital:

a instalação de tal estado de espírito e de tal estado de coisas precede à implantação das grandes mudanças sociais.[...] Em tais sociedades corporativas, reina a propaganda como fazedora de símbolos, o consumismo como seu portador, a cultura de massas como caldo de cultura fabricado, a burocracia como instrumento e fonte de alienação. (SANTOS, 2007, p. 23-24).

A partir dessa ideia, o texto propõe uma reflexão acerca do papel da cidadania no reconhecimento de identidades que não protagonizem o círculo do capital, a produção e geração de renda e o consumo. José Murilo de Carvalho (2001, p.9) entende o cidadão como aquele que possui acesso aos direitos civis, políticos e sociais. Para ele, porém, “uma cidadania plena, que combine liberdade, participação e igualdade para todos, é um ideal inatingível”. O exercício da cidadania nas sociedades contemporâneas, além de ser utópica em sua plenitude, parece ter sofrido modificações em como se entende o seu sentido e, assim, dar-se, a partir do consumo. A exclusão do indivíduo acontece a partir do momento em que ele não é mais considerado capaz de contribuir no âmbito econômico para a rotação de capital econômico.

O texto fala da importância de lembrar a existência de um grupo de pessoas que, por vezes, são deixadas de lado, ao passo que esquecem seus traços, a importância da construção dos indivíduos e das ideias que se seguem a partir deles em famílias ou mesmo em suas relações sociais. A captação da imagem descrita foi construída a partir de trocas de ideias com os moradores do Abrigo e capitada enquanto as conversas aconteciam e eles contavam suas histórias, olhavam para a câmera com olhar desconfiado, seguravam suas mãos nas poltronas, viviam rotinas despercebidas e pacatas.

Por tempo que se vai. Por tempo que se vem. Em rugas, dores, cansaços, tristezas, solidão. Uma memória temporária que se esvai aos poucos, quanto mais se tem a contar, menos se tem para conversar. O silêncio de um lugar que se dividem vidas e memórias eternas. Agora silenciadas, ou até apagadas pelos próprios protagonistas.

O tempo do fim da vida nem sempre vem cheio de flores. Às vezes os dias ficam muito corridos para que exista um tempo de comunicação, troca, amparo. Então é fácil: juntar uma ou duas mochilas e encontrar um lar ou abrigo que tenha esse tempo. Assim mesmo. “É melhor.”

Dentre as forças, a fé. Dentre as fraquezas, o cansaço. Mas a luta, passo por passo, todos os dias, mesmo sem sair do lugar.

Um tempo para sentir tudo o que o olhar pode proporcionar, o que o toque pode passar e o que as palavras podem ensinar.

Objetivo

Mostrar a falta de reconhecimento da identidade de um grupo da sociedade que é o da terceira idade, considerado inapto pelos outros grupos pela sua faixa etária e suas consequências, uma vez que, no senso comum, a velhice está atrelada a problemas de saúde, muitos cuidados com a pessoa e impasses que são tratados como perda de tempo e dinheiro dentro de uma sociedade em que são tido como participantes aqueles que estão economicamente ativos, trabalhando e fomentando a rotatividade econômica.

Para Warnier (2000, p.5) “a identidade é definida como o conjunto dos repertórios de ação, de língua e de cultura que permitem a uma pessoa reconhecer sua vinculação a certo grupo social e identificar-se com ele”. Esta identidade, quando não reconhecida, marginaliza o grupo classificado como terceira idade e acaba, muitas vezes, por esquecê-lo e afastá-lo da convivência da família, desconsiderando muitas vezes toda a carga que eles e elas já acumularam ao longo de sua vida, bem como ideias e experiências que podem ser compartilhadas. São indivíduos que permanecem esquecidos, que não recebem visitas e passam seus dias esperando por alguém - um filho, um sobrinho, uma neta - que disse que voltaria.

Este esquecimento e o medo que ele gera em torno de um novo abandono foi a primeira coisa que percebemos no Abrigo Espírita Oscar José Pithan. A partir dessa constatação, o objetivo foi mostrar, através da fotografia em preto e branco, o que as pessoas que moram lá sentem e como elas encaram os dias vivendo em um abrigo, tudo isso retirado das diversas expressões que puderam ser captadas durante conversas, observações, suspiros, até mesmo no momento em que não existiu diálogo entre câmera e fotografado(a). Além disso, fomentar a reflexão da importância do reconhecimento da identidade desse

grupo enquanto construtores de uma sociedade que vem se articulando enquanto grupo crítico da sua própria construção.

Justificativa

A criação de uma fotografia a partir da construção de identidades se dá em encontro a inserção do idoso na sociedade cultural, a qual se utiliza da “não-participação” desses indivíduos para uma propícia exclusão: o que se faz com velhos se não há mais nada em que possam contribuir de forma que gere dinheiro? Eles devem ser afastados para que não “atrapalhem” a parcela economicamente ativa da população? São, portanto, de alguma maneira, depositados em um lugar que atenda as suas necessidades físicas e onde existam pessoas aptas a cuidar de sua saúde. A negligência da maioria das famílias dos moradores do abrigo foi percebida logo nos primeiros momentos de conversa. As pessoas que moram neste lugar falam constantemente sobre as suas vidas, a espera por visitas de seus familiares e as pessoas que vêm vê-las. São, em geral, estudantes universitários que realizam, assim como nós, trabalhos vinculados a disciplinas ou estágios e, após o término das atividades, não voltam mais. Os moradores do Abrigo Espírita Oscar José Pithan nos falaram sobre o sentimento de que, mais uma vez, foram usados por estas pessoas, ao longo de um tempo finito e que, ao final das obrigações acadêmicas, eram mais uma vez deixados de lado, em uma vida sempre solitária. Neste sentido, passar um tempo no abrigo realizando uma atividade gera um compromisso com os moradores do local, pois cria vínculos que não podem ser negligenciados quando se tem a proposta de mostrar a situação de abandono pela qual passam estes indivíduos.

Existe, além desse ponto, um grande descaso por parte do Estado com a manutenção da aposentadoria, além de maquinar a idade de aposentadoria por sexo e tempo de contribuição. As mulheres podem se aposentar com 30 anos de contribuição, mas o valor benefício da aposentadoria diminui se a mesma não tiver 60 anos completos. O mesmo acontece com os homens, mas eles devem apresentar 35 anos de contribuição e o valor benefício da aposentadoria diminui caso eles se aposentem antes dos 65 anos. É uma tentativa incisiva de manter pessoas cada vez mais idosas ligadas por obrigatoriedade ao mercado de trabalho e suas exigências. A perda desses serviços prestados, além de se identificarem como um gasto extra, não retribuem com seu tempo em trabalho servido - que vale dinheiro. Com o passar dos anos, os gastos dos idosos tendem a aumentar, em função da compra de remédios e gastos médicos. Sem poder contribuir no sustento da casa e

gerando ainda mais despesas; eles podem ser vistos como menos importantes ou alguém que dá muito trabalho, sem que existam benefícios para que esta pessoa esteja no meio das demais. Isto se agrava quando o idoso tem dificuldade de locomoção ou alguma doença ou síndrome que exija mais cuidado dos responsáveis pela sua segurança. Esta visão da pessoa de terceira idade como alguém que atrapalha e causa prejuízo para a família contribui para o rompimento de laços emocionais, de alguma maneira. Mantê-los em um lugar que tenha estrutura física e de pessoal para cuidar da sua saúde pode parecer um caminho bastante fácil para a solução do “problema”.

A partir do momento que o laço se rompe, é explícita a falta de importância que o sujeito passa a ter em todos os âmbitos da sociedade, desde capital econômico até o capital simbólico que, para existir, necessita de um envolvimento da comunicação social, principalmente a propaganda, que investe apenas no reconhecimento de indivíduos participantes; parcela esta que exclui a terceira idade que, quando aparece no contexto midiático, é mostrada como um grupo de pessoas que já “passou da validade”.

O investimento nos detalhes das expressões dos moradores do Abrigo vem para contrapor esse afastamento e reafirmar através de um olhar externo à existência deles, afinal, existe sim um grupo de pessoas que se sente, se reconhece e se representa através de suas próprias características.

Métodos e técnicas utilizados

O processo de concepção do trabalho deu-se a partir das discussões e reflexões que ocorreram durante a disciplina de Comunicação e Cultura, ministrada pelo professor Flavi Ferreira Lisboa Filho na Universidade Federal de Santa Maria. As discussões propostas se deram pelo viés dos Estudos Culturais e tiveram como pano de fundo a reflexão sobre diferentes culturas, multiculturalismo e hibridismo cultural e relações de poder e dominação de caráter simbólico, que colocam algumas culturas como melhores ou mais importantes que outras. Isso se dá tanto em relações territoriais, em que se louvam aspectos culturais de determinadas nações - geralmente europeias ou norte americana, ou seja, países desenvolvidos economicamente, essencialmente brancos e exploradores, desde a colonização, do que conhecemos por países subdesenvolvidos. Por fim, debatemos sobre o lugar que cabe às minorias sociais no âmbito da cultura, que só é entendida como tal quando parte de homens, brancos, heterossexuais, cisgêneros, de classe média ou alta e que contribuem para o crescimento da economia, excluindo todos que se desviam desta norma.

O conhecimento acerca das noções de cultura, tradição e identidade serviu de base para uma pesquisa exploratória e de campo, que consistiu em, além de leituras e discussões realizadas em sala de aula, nas orientações e nos nossos estudos individuais e de grupo, duas visitas ao Abrigo Espírita Oscar José Pithan, uma para conhecer o espaço e as pessoas que moravam neste local e outra para realizar a fotografia. Ambas as visitas duraram uma tarde, em que conversamos com os moradores e funcionários para que eles estivessem à vontade para participar do trabalho.

A foto foi tirada com uma câmera Cânon T5i. 49 fotografias foram selecionadas num primeiro processo. Estabelecemos como critério para a seleção seguinte o aparecimento de marcas, fossem elas de expressão ou aquelas deixadas na pele pelo tempo. Uma foto foi escolhida por representar o propósito do nosso trabalho. É a foto de uma senhora que registra, além dos sinais da idade avançada e das marcas de expressão, a maneira como ela passa o tempo: sentada, aguardando visitas que não voltam. A imagem passou então por um processo de edição, para o qual foi utilizada a plataforma Adobe Photoshop. O objetivo da edição era acentuar estas marcas que optamos por valorizar, através do recurso de preto e branco e do aumento do contraste. A impressão foi realizada em tamanho 15x21 e a finalização do trabalho ocorreu em dezembro de 2015.

Descrição do produto ou processo

As conversas durante o semestre sobre o conteúdo da aula de Comunicação e Cultura nos levaram a vários questionamentos e, conseqüentemente, a desconstruções de conceitos conservadores e que excluem grande parte da população e grupos como negras e negros, mulheres, LGBTIs, povos indígenas, idosas e idosos. A partir desta reflexão escolhemos o tema do nosso trabalho: a terceira idade.

Primeiro, fizemos uma visita ao Abrigo Espírita Oscar José Pithan, um lugar cheio de graça que fica na Chácara das Flores, um pequeno bairro da cidade de Santa Maria e que reúne grandes histórias, trejeitos e visões de mundo de pessoas que pelo mais variado motivo foram deixadas sob o cuidado dos trabalhadores do lugar. A primeira visita foi para conhecermos, como grupo, como jovens que vivem uma realidade universitária que fica totalmente afastada desse tipo de vivência, a forma como se dão os dias de diferentes mulheres e homens que moram juntos, depois de terem vivido diferentes vidas, muitas vezes compartilhando dificuldades e limitações. Dificuldades estas que, se ainda não

existem, são desenvolvidos ao longo dos anos que ali moram. O Abrigo de idosos é, sem dúvida, um lugar que se mora sem perspectiva de saída.

Nesta tarde, ainda receosos, as mulheres e os homens nos olhavam curiosos, sem muita troca de palavras, sem saber o que jovens tão destoantes daquele ambiente faziam ali. Aos poucos desenvolvemos conversas sobre seus dias e cotidianos, sobre a cadela Laica que corria por entre eles, sobre a horta cultivada no pátio, as festas organizadas pelo Abrigo. A partir dessas indagações, histórias foram voltando a suas memórias, até que, sentados nos sofás do pátio do Abrigo, as senhoras e senhores começavam a dividir histórias sobre suas famílias, por onde viajaram, onde estavam seus irmãos e irmãs, qual tinha sido a última vez que seus filhos e filhas tinham feito uma visita, quando saíram para passear pela última vez - só é possível sair do Abrigo se um responsável ou familiar assinar uma autorização e estar presente no momento - e tantas outras.

Depois da primeira visita o grupo se reuniu para uma conversa sobre o primeiro contato com os moradores e moradoras do Abrigo. Discutimos sobre a peculiaridade do lugar, já que difere de todos os ambientes que convivemos durante nossas rotinas. Nesse encontro decidimos por fotografar detalhes das pessoas do abrigo como expressões, partes do corpo que fossem significativas na forma de se expressar - mãos segurando relógios, cigarros, livros -, ou até mesmo o lugar de forma que abarcasse a sensação que o lugar passava: uma tranquilidade abandonada que vez ou outra recebia uma festa que agitava a vida das pessoas que lá moravam.

A segunda tarde de visita foi decisiva, fomos com duas câmeras para desenvolver um grupo de fotografias para, no final, escolhermos qual seria a que mais representativa ou que carregasse marcas e histórias gravadas na pele da pessoa que seria retratada na imagem. Durante a tarde, em meio a conversas despreziosas, fotografamos as senhoras e senhores com a tentativa de captar o que era mais característico daquele lugar, das pessoas que o compunham e o que elas estavam nos contando.

Depois da segunda tarde, debatemos sobre qual seria a fotografia que mais representava toda aquela diversidade que estava posta ali. Decidimos, então, selecionar uma fotografia e editá-la, transformando suas cores em preto e branco e aumentando o contraste para realçar as marcas e traços das mãos, rosto, cabelo e pele que tínhamos por objetivo evidenciar, para compor uma representatividade daquelas pessoas marcadas pelo tempo e de certa forma esquecidas no espaço.

A fotografia selecionada foi escolhida dentre um total de 49 fotos inicialmente coloridas e impressa em tamanho 15x21.

Considerações

A fotografia é, no campo jornalístico, o registro de um momento que só existe no agora e por pequenos instantes de segundo. Ela por si só se refere ao objeto captado a partir de uma luz que entra e forma, então, a imagem da fotografia. Ela também pode ser material que retrata um relato, uma história, um posicionamento, uma resistência que, juntos, constroem uma amostra física capaz de representar grupos invisibilizados. Conseguir captar este mínimo instante de uma parcela tão esquecida da sociedade é de imensa importância. Todos os cliques registraram momentos em que diferentes histórias expressavam diferentes insatisfações, satisfações, medos e até indiferenças que são ignoradas todos os dias, desde a maneira informal com que se dão as relações sociais e estereótipos criados acerca das pessoas idosas até a institucionalização da exclusão destes indivíduos, através da construção e da utilização constante de lugares como o Abrigo Espírita Oscar José Pithan como um local para cuidar daqueles que não nos servem mais.

Fotografar os que não se incluem na esfera da geração de renda e no giro de produção e consumo é dar espaço a histórias e pessoas esquecidas. Além disso, escolher apenas uma fotografia é de crucial atenção para quem a produz, para que nela estejam os elementos essenciais que desejamos retratar de todas as experiências que cultivamos no Abrigo, uma vez que ele se constrói a partir de identidades e histórias de vida muito diferentes e individuais, que se encontram dentro daquelas paredes. As conversas se expandiram de formas diferentes e infinitas ao passado que em algumas memórias segue firme e muito bem elucidado, ao contrário de outros que se fixam em nos contar a construção dos seus dias e as pequenas ações que os mantêm vivos. As expressões destas pessoas, gravadas na fotografia, são o retrato das suas identidades, maneira de reconhecer-se a si mesmo e, assim, reconhecer aqueles com quem a sua própria história se cruza.

REFERÊNCIAS

CANCLINI, Nestór. **Cultura y comunicación**: entre lo global y lo local. La Plata: Facultad de Periodismo y Comunicación Social, 1997.

CARVALHO, José Murilo de. **Cidadania no Brasil** - o longo caminho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

CUCHE, Denys de. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Bauru: EDUSC, 1999.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. RJ: DP&A, 1999.

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia**. São Paulo: Edusc, 2001.

SANTOS, Milton. **O espaço do cidadão**. São Paulo: Editora do Estado de São Paulo, 2007.

WARNIER, Jean-Pierre. **A mundialização da cultura**. Bauru: EDUSC, 2000.